

**"VADIANDO E RESISTINDO EM MEIO AS TENSÕES": MEMÓRIAS DA
DISSEMINAÇÃO DA CAPOEIRA EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA (1950 -
2000)**

Jonatan dos Santos Silva

Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Memória:

Linguagem e Sociedade - PPMLS pela UESB.

E-mail: jonatandon@gmail.com.

Felipe Eduardo Ferreira Marta

PHD junto a Virginia Polytechnic Institute and State University - Virginia Tech

– USA.

E-mail: fermarta@gmail.com.

RESUMO

A existência de tensões ocasionadas pelas disputas ao longo do processo de disseminação da Capoeira mostra-se como reflexo das lutas enfrentadas atualmente pelos mestres em Vitória da Conquista-BA. Dessa forma, esta pesquisa teve o objetivo de investigar o processo de disseminação nesta cidade, buscando analisar os relatos dos Mestres que foram apontados como os principais disseminadores desta prática corporal na cidade. Delimitamos como baliza cronológica os períodos entre 1950 e 2000, período segmentado pela memória dos próprios Mestres entrevistados. Desse modo, para investigar isso, utilizamos a metodologia da História Oral, conforme o referencial teórico-metodológico pautado nas produções de Portelli (1997) e Meihy (2010). Os dados da pesquisa foram revelados a partir de entrevistas e coleta de relatos orais, seguindo o método qualitativo, onde teve os mestres de capoeira da cidade como protagonistas. Os resultados apontam para as dificuldades impostas na ocupação e sustentabilidade de espaços para a prática da capoeira, assim como possibilitaram compreender a relação entre as memórias apresentadas pelos mestres às adversidades que eles enfrentaram.

Palavras-chave: Capoeira, Vitória da Conquista-BA, História Oral.

INTRODUÇÃO

A Capoeira foi vista, no passado, enquanto um dano moral, onde foi situada no código penal do século XIX enquanto crime. Seus praticantes eram considerados como vadios e criminosos que subvertiam as ordens estabelecidas pelo poder exercido pelas classes majoritárias. Ser "Vadio" remete, dessa forma, a esta memória traumática que os

capoeiristas ainda se recordam através das músicas cantadas nas rodas de capoeira. Porém, o termo é utilizado atualmente nas rodas, não para relembrar estas cenas que ficaram marcadas negativamente no legado da capoeira enquanto crime de vadiagem, mas para reconstruir a memória do ato de jogar capoeira ganha esta nova interpretação, no intuito de adquirir outro sentido perante aqueles que pouco conhecem a história e a memória preservada pelos mestres antigos.

A Capoeira é uma construção realizada a partir das matrizes civilizatórias africanas. É uma prática que tem a Roda como elemento que se transforma em espaço da vida cotidiana e prepara o corpo para a vivência na sociedade. Historicamente, a capoeira é marcada por tensões geradas pelos conflitos e disputas existentes na sociedade, assim, ocorre a busca pela reivindicação de seu espaço na sociedade brasileira. A Capoeira, na cidade de Vitória da Conquista-BA, não se distancia deste contexto. A existência de tensões ocasionadas pelas disputas ao longo do processo de disseminação da Capoeira mostra-se como reflexo das lutas enfrentadas atualmente pelos Mestres.

Diante dessa constatação, apresento o seguinte questionamento: De que forma os mestres de capoeira carregam a memória da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA? Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo investigar o processo de disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA, buscando analisar os relatos dos Mestres de Capoeira da cidade que foram apontados como os principais disseminadores desta prática corporal na cidade. Delimitamos como baliza cronológica os períodos entre 1950 e 2000, período segmentado pela memória dos próprios Mestres entrevistados. Desse modo, para investigar isso, utilizou-se a metodologia da História Oral como método e a História Oral de vida, conforme o referencial teórico-metodológico pautado nas produções de Alessandro Portelli (1997) e José Carlos Meihy (2010). Os dados da pesquisa foram revelados a partir de entrevistas e coleta de relatos orais, seguindo o método qualitativo, onde tiveram os mestres de capoeira da cidade como protagonistas na realização desta pesquisa, são eles: Donizete Gomes Lemos (o Mestre Donizete), Manuel Alves Fernandes (o Mestre Manuel Sarará),

Alberto Pereira Viana (o Mestre Bell), Antonio Santos Ferreira Filho (o Mestre Acordeon) e Gomar Santos Novais (o Mestre Pantera).

Os resultados apontam para as dificuldades impostas na ocupação e sustentabilidade de espaços para a prática da capoeira, até o processo de mercadorização que tentou atingir os fundamentos tradicionais e colocar a Capoeira em outro lugar, assim como os rumos que cada Mestre de Capoeira tomou durante suas lutas nesse processo de difusão nesta grande Roda da cidade. Os resultados também possibilitaram, portanto, compreender a relação entre as memórias apresentadas pelos mestres de Capoeira e as adversidades que eles enfrentaram ao longo do processo de disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA.

Capoeira como Vadiagem: desconstruindo sentidos e significados

Analisando e compreendendo a Capoeira como organismo civilizatório de povos negros a partir da diáspora forçada no Brasil, percebe-se toda uma construção fundamentada em princípios de legado africano, como a circularidade – elemento estruturante das sociedades africanas no Brasil inter-relacionando a cultura à história com as pessoas e às estruturas de contextos sociais. Nesse processo diáspórico, o que vem para o Brasil são os valores e princípios negro-africanos (OLIVEIRA, 2006), pois todos os contextos se organizam em círculos, e nestes círculos vão se construindo o saber e o fazer envolvendo a relação do ser humano com o mundo, com a terra, com a ancestralidade e com a espiritualidade (RUFINO, 2013).

A roda ou o círculo assinala para o movimento, a renovação, a coletividade, a visibilidade. Neste círculo sem início, meio e fim, a energia é transmitida e socializada. Nesta roda em que se retroalimenta o passado, o presente e o futuro se entrelaçam em um movimento contínuo que constrói os laços do saber/fazer. Essa linguagem da roda, evocada pelo Mestre, está estruturada no jogo e na “ginga” do “capoeira”, caracterizando o sistema simbólico através da construção social da “malandragem” e a noção de “mandinga”, também proposto nos estudos de Vieira (1998), sobre *o jogo da capoeira*.

Este comportamento do “capoeira” remonta ao século XIX até as primeiras décadas do século XX, quando se atribuía ao capoeirista termos pejorativos relacionados aos conceitos de vândalos, vadios, desordeiros e malandros, como poderemos analisar em capítulos seguintes. A mandinga e a malandragem são atributos essenciais no movimento do corpo, das expressões faciais, do truque, “*na ida que não vai*”, para enganar o outro jogador. Nesse sentido, Dias (2016) explica que, a mandinga aparece como tipo de jogo cujo objetivo principal é ludibriar o contendor através da astúcia (DIAS, 2016).

A Capoeira, no século XIX no Brasil, é marcada pelo poder exercido durante o período Imperial (1822-1890), em que as verdades construídas circulavam pela sociedade através dos discursos no intuito de sustentar e fundamentar o processo de regulamentação e institucionalização (FOUCAULT, 1996). É neste cenário social que as práticas corporais oriundas das manifestações culturais do povo africano sofrem tentativas de serem banidas através de discursos proferidos pelas leis e decretos. Essas verdades são reafirmadas através de promulgações de decisões de ordens jurídicas que vão direcionar o “poder disciplinar” aos que ofereciam riscos à ordem pública.

A capoeira logo é perseguida e punida, para justificar os mecanismos disciplinares, instituídos pelo “poder soberano”, que mandava castigar com açoites os escravos capoeiras presos em flagrante delito através de Decisões. As leis impossibilitavam as práticas de qualquer manifestação, que comprometessem a ordem pública, como se inscreve no Código Criminal do Império do Brasil 1830, quando se trata de punir aos marginais, vadios, mendigos e desordeiros (REGO, 1968, p.291). Deste modo, havia um conjunto de formulações a respeito da proibição da capoeira e, apesar de sua prática não constar na lista de crimes do código criminal, as repressões continuaram através da polícia, que tentou erradicar com o que fosse nefasto (HOLLOWAY, 1989).

A sociedade hegemônica pensava a partir de referências que consideravam a capoeira como uma “doença moral” ao se proliferar pela cidade, com apoio das autoridades, do governo, da igreja e da população dominante, perdurando até a República. Embora os capoeiras tivessem participado como aliados na Guerra do Paraguai, havia uma promessa de que esses teriam uma ressignificação social, caso

retornassem com vida (COSTA, 2013).

Após a abolição do sistema escravocrata em 1888, a prática da capoeira foi sustentada pelas verdades que a situaram no lugar de prática criminosa, produzidas ao longo dos anos. Assim, ela foi enquadrada no código penal instituído através do Decreto 847, de 11 de outubro de 1890, no Capítulo XIII, Dos Vadios e Capoeiras, em seu Art. 402, cujo texto disciplina:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas, exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoas certas ou incertas, ou incutindo temor de algum mal;

Pena – de prisão celular de 2 a 6 meses. A penalidade é a do art.96.

Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se importará a pena em dobro.

Embora proibição da capoeira se concretizasse, os “capoeiras”, praticavam-na evitando o monitoramento dos dispositivos disciplinares. Assim, ela foi inserida no código penal por causa de perseguições instituídas nas leis, que apresentaram contradições pertinentes em relação a sua criminalização. Desse modo, apesar de a capoeira ser proibida e reprimida, ela era praticada nos terreiros, festas de largo, nos quintais e nos cais e sua forma de transmissão era por meio da oralidade entre uma geração e outra.

Caminhos metodológicos...

Utilizamos a metodologia da história oral para compreender as tensões e disputas durante o processo de disseminação da capoeira na cidade com base de relatos orais dos mestres que iniciaram suas trajetórias a partir das décadas de 1950, seguindo os apontamentos de Portelli (1997). Esse autor se refere aos relatos orais como documentos do presente sob a responsabilidade do entrevistado e do entrevistador, um presente compartilhado.

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato da História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p. 16).

Meihy (2002) nos alerta sobre a confusão existente no uso da memória grupal, coletiva e social, e até a própria história. Para ele, a memória é um suporte para as narrativas de história oral, mas não a história em si, como ele explica

[...] a história oral mantém um vínculo importante com a questão da memória, e vice-versa. A transposição das narrativas da memória para a história, a sociologia, a antropologia ou outra qualquer disciplina acadêmica, no entanto, se dá na capacidade de diálogo entre a memória, a mediação da história oral e a história ou suas correlatas irmãs. (MEIHY, 2002).

A capoeira, como objeto de estudo desta pesquisa, ofereceu oportunidades de criar diálogos entre os estudos de Meihy (2002) e outras fontes, bem como de manter o diálogo com a documentação encontrada a partir dos relatos dos Mestres entrevistados. Por isso, as fontes documentais, apontadas durante esta dissertação, vão relativizar o peso dado aos relatos (MEIHY, 2002). As entrevistas, para Meihy (2002), devem ser a base de efetivação dos resultados para serem garantidas como método. Por isso, ele define história oral como sendo um recurso usado para elaborar documentos, arquivamentos e estudos relacionados a experiências sociais, pessoais e grupais. É uma prática de apreensão de narrativas feitas por meios eletrônicos, destinada a recolher

testemunhos e promover análises de processos sociais do presente. Ela é precedida por procedimentos definidos num projeto (MEIHY, 2002, p.14).

A História Oral, neste trabalho, lança o olhar sob os mestres como sujeitos ativos no processo de construção da memória em torno deles. Considera-se os aspectos ligados às diferentes classes, papéis exercidos e espaços sociais, como uma metodologia interessante por levar em consideração os problemas levantados, para que a história ganhe uma nova dimensão. Em contrapartida, ao passo que a História Oral, vista enquanto método, ainda mantém tabus em relação a sua relevância e fidedignidade entre outros pesquisadores, estamos levando em consideração que, assim como os documentos construídos a partir de novas fontes e de relatos orais são passíveis de questionamentos, podemos também indagar sobre a fidedignidade de documentos oficiais credibilizados pelas fontes oficiais, por serem passíveis de dúvidas.

Memórias da disseminação da capoeira em Vitória da Conquista-BA

A Capoeira, enquanto prática corporal, mina uma fonte de gestos, e movimentos com significações, sociais e culturais que revelam valores e saberes transmitidos, por seus próprios meios: corpo e fala. O corpo, portanto, é receptáculo de uma Memória e, através dela, guarda, preserva, ensina e dissemina. Dessa forma, através da História oral, buscamos o processo de disseminação da Capoeira, enquanto possibilidade de vivência na cidade de Vitória da Conquista-BA, através da Memória dos Mestres de Capoeira da cidade, e suas trajetórias de vida enquanto praticantes de Capoeira, destacando tensões e conflitos nesse processo de difusão.

De acordo o Mestre Donizete, a prática da Capoeira na cidade durante as décadas de 1950 ainda era tida como um problema social, mesmo não sendo mais considerada crime pelo Código Penal, as autoridades conquistenses não acompanhavam a atualização das mudanças nas leis brasileiras e ainda utilizava-se de um discurso ideológico para justificar os seus abusos dizendo que “*as informações demoravam a chegar, então para a polícia, a gente era vadio*”. A cidade se distanciava das discussões realizadas no cenário nacional sobre os rumos que a capoeira tinha tomado no contexto brasileiro, já que a Capoeira acabara de ser institucionalizada enquanto “*esporte genuinamente brasileiro*” por Getúlio Vargas, culminando no processo de

descriminalização naquela época. Essa discussão nos leva a aproximar da idéia de superioridade de raças e revela a discriminação para com o praticante de Capoeira, como se pode afirmar no relato do Mestre Donizete:

[...] na época não existia televisão, quando eu era menino só via aquele chuveirão na frente (quando apareceu a TV). Então não tinha nada disso. Capoeira era discriminada, era coisa de malandro. A polícia proibia você de fazer. Quando chegava, você tinha que parar. (...) A capoeira foi proibida por lei, na época em que houve a queda do império, o primeiro presidente, que foi o Deodoro da Fonseca, a primeira lei que eles colocaram foi à proibição da capoeira. Aí em 1932 foi que Bimba fez uma roda pra o Getúlio, e em 1937 foi quem liberou¹.

Embora fosse pouco perceptível pelo mestre Donizete, o próprio sistema político regido pelos coronéis, fazendeiros e pelas famílias endogâmicas do período possivelmente contribuiu para que os próprios praticantes de capoeira aumentassem o sentimento de confronto e de necessidade de expressarem seus conhecimentos, mesmo que esses conflitos fossem representados pela disputa de espaço com as práticas corporais orientais, embora não tivesse sido vistas por ele na época, como podemos observar na fala do mestre Donizete ao definir a Capoeira a partir das vivências daquele momento:

[...] Capoeira é uma luta de defesa. Capoeira não é uma luta de ataque. Só que na defesa surge o contra ataque. Então o Brasil é um país que historicamente desenvolveu muita luta aberta, “vale tudo”, quem mais precisou lutar mais que o capoeirista? Que é na rua. Eu cansei de ir nas ruas e falar: “traz Jiu-jitsu, taekwondo, Karatê, pode entrar!”, eu tinha mania de falar isso. Aquele orgulho de falar que era capoeirista. Era muito raro vir outras pessoas, mas vinha, mas apanhava porque o capoeirista é malandro, não absorve golpe de ninguém. Pra você acertar um golpe num capoeirista é quase impossível. O capoeirista é bom porque é uma luta de esquiva. Você acompanha o movimento do cara. A partir do momento que você acompanha, você não choca com o cara. E facilita a *derrubada*, a *tesoura*, a queda, o

¹ Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista-BA.

contragolpe. Você vai... o capoeira não é bobo, ele vai percebendo o golpe e colocando lá dentro. Aí ele pega o cara na surpresa².

Apesar de essas disputas serem visíveis para os praticantes de capoeira, eles desejavam praticar apenas como “forma de defesa”, devido existir disputas e confrontos entre os diferentes moradores de bairros na cidade, onde era comum perceber o uso de habilidades nas ruas.

O Mestre Manuel Sarará, ao relatar seu início na prática da capoeira e também da fundação de sua academia, sempre associa sua prática pedagógica ao passado da cidade, ao ausentar a capoeira enquanto possibilidade de prática na cidade até a inserção dela através do tempo. É possível perceber em seus relatos sua intenção de legitimá-la enquanto “pioneiro” dessa prática corporal na cidade de Vitória da Conquista-BA, já que ela se encontrava em expansão pelo Brasil através da Capoeira Regional, apoiando-se para isso, em uma história mista de fatos que atuavam no sentido de reforçar ainda mais essa legitimação. Assim, quando ele busca essa legitimação, ele está tentando legitimar a sua própria condição de disseminador da capoeira por não ter tido conhecimento da presença da capoeira em anos anteriores, como foi relatado durante o primeiro momento. Ele busca manter vivo os laços obtidos em Salvador-BA a partir daquilo que foi constituído enquanto luta, tendo a Capoeira Regional como referência, garantindo, posteriormente a sobrevivência e a formação de uma identidade na Capoeira de Vitória da Conquista-BA naquele momento.

Com dedicação, o Mestre foi recebendo os alunos. Segundo ele, “*a academia foi enchendo de aluno, foi aparecendo, foi aparecendo uns bem... destaque, o pessoal foi desenvolvendo a capoeira*”. Assim, os praticantes puderam conferir, naquele momento, o primeiro local na cidade onde as pessoas poderiam praticar capoeira. No entanto, o Mestre passa a enfrentar dificuldades financeiras, e o preconceito da sociedade com relação à capoeira, principalmente quando as pessoas faziam alusão ao código penal de outrora, classificando os capoeiristas como malandro, vagabundo e desempregado, como podemos verificar nos relatos seguintes:

² Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista-BA.

[...] tava treinando de manhã cedo, tava treinando no campo o pessoal passava que ia trabalhar pegando café na época, passava e gritava vai trabalhar vagabundo... fica aí jogando perna pra cima, isso não vai dá dinheiro não. Mas eu tinha a capoeira no sangue eu tinha que ficar. Estou nessa minha resistência até hoje³.

Apesar de a cidade presenciar um momento de desenvolvimento econômico, expansão do comércio e crescimento populacional, isso não impediu que os capoeiristas sofressem discriminação, reproduzindo o mesmo comportamento de anos anteriores, relatados pelo Mestre Donizete. Esse comportamento influenciaria sobremaneira, no trabalho do Mestre Sarará em relação à existência de uma divisão socioeconômica que se expressava no preconceito entre os dois lados da cidade, dividido pela BR-116. Nesta mesma linha de raciocínio, ele continua dizendo que: (...) *o pessoal do lado de lá não vinha treinar aqui. Não tinha capoeira lá.* (referindo ao outro lado da cidade). *Quando eu falava que minha academia era no bairro alegria, o pessoal falava: ‘do lado de lá eu não vou não, não caio nessa não’.* *Eles não vinham do lado de cá não*⁴.

O lugar social que o Mestre Manoel Sarará ocupou nesse espaço mostra com evidência as disputas e conflitos de espaço, fortalecidas pela configuração geográfica da cidade, além de preservar um imaginário, preconceituoso, construído acerca da população que estabelecia suas moradias nas proximidades da “Lagoa do Jurema”, espaço que abrange o Bairro Alegria, onde se encontra a academia do Mestre Sarará.

A história do Mestre Bell reflete as desigualdades socioeconômicas e raciais comuns à grande parte da população negra brasileira. Enfrentando as dificuldades geradas por esse contexto de pobreza e desigualdades. As dificuldades enfrentadas pelo Mestre Bell são demonstradas na impossibilidade de dedicar-se exclusivamente à Capoeira e a falta de um espaço propício para receber os alunos interessados em praticar, já que as condições financeiras, para ele, eram precárias. Esse era um fator limitante para disseminar a Capoeira na cidade, como relata o Mestre Bell: *“cheguei a dar aulas em terrenos baldios, assim, em campos, uma hora que não tinha jogo. O poeirão subia”*. Assim, essas condições precárias afastavam as pessoas interessadas em

³ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

⁴ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

aprender a capoeira, gerando preconceitos e discriminação: [...] *a sociedade discriminava. O barão preferia colocar o filho no judô, que tinha aquelas academias de luxo, porque não arranhava. E eu falava assim: a capoeira se joga no cascalho ou em qualquer lugar. Qualquer lugar para o capoeira é uma escola,*

Observamos um processo contínuo de negação da estruturação de uma academia enquanto espaço de prática de Capoeira, além da evidência de uma disputa que ocorria entre a Capoeira e as artes maciais. Podemos perceber que neste período há evidências da eclosão do processo de massificação das artes maciais, que irá servir de modelo para caracterizar os lugares e as práticas corporais de classe média e alta na cidade, ao compararmos com os lugares de prática da Capoeira e a classe social em que seus disseminadores se encontravam.

Esse processo que aconteceu com as práticas corporais na cidade ocorre longe da realidade do Mestre Bell, já que não obtinha nenhuma fonte de renda para arcar com os custos de despesas proporcionadas pela manutenção de um espaço privado para ser sua academia de capoeira. Com isso, ao pensar nestes fatores como impossibilidade de equiparar a Capoeira com as artes maciais orientais, presentes na cidade, o Mestre Bell não tinha condições de tornar suas aulas de Capoeira como elemento atrativo para as camadas intermediárias ou para a classe trabalhadora da cidade, que o fez refletir sobre o motivo de ter tido poucos alunos. Ele ainda enfatiza a discriminação da sociedade *conquistense* com a Capoeira, corroborando com a reflexão, dessa pesquisa, sobre as tensões no terreno de disputas ocorridas no processo de disseminação da Capoeira, onde diz: *“as mães viam a gente assim, a gente simples, os neguinhos, às vezes até pela cor, e isso aí foi gerando, até que cessou isso aí, porque capoeira é praticada por todas as raças, todas as cores?”*⁵

Essa discussão se configura como um problema histórico que permanece em nossa sociedade e se revela nas relações étnico-raciais. De fato, a desigualdade racial em Vitória da Conquista-BA persistiu nesse período significativamente a partir da presença de uma população composta por brancos e negros, assim como a presença marcante dos povos indígenas. Essa desigualdade racial não é consequência apenas do

⁵ Entrevista concedida ao autor por Alberto Pereira Viana, Mestre Bel, em 24 de maio de 2017 na cidade de Vitória da Conquista-BA.

racismo, mas da “continuação de tais diferenças em longo prazo que sugeriram fortemente a operação de algum tipo de discriminação racial (MONSMA, 2013, p.1).

Na trajetória de vida relatada pelo Mestre Bell, identificamos essas tensões relacionadas ao racismo também quando ele menciona a cor de sua pele: “*os neguinhos*”, “*às vezes até pela cor*”. Essas expressões, carregadas de preconceitos construídos historicamente, refletem a “construção do processo de negação dos elementos da cosmovisão africana e determinam aos afro-descendentes a desvalorização pessoal” (FERREIRA, 2000. p. 41). Dessa forma, a cor da sua pele e suas características fenotípicas é associada às suas condições raciais e financeiras precárias, o que os coloca numa posição de vulnerabilidade diante da avaliação que coloca o outro no lugar de superioridade, já que, quanto mais próximo do “*branco*”, maior será a possibilidade de ser respeitado.

De acordo com Vieira e Assunção (2009), era preciso amenizar conflitos sociais, entre os anos de 1970 e 1980 quando se tratava de Capoeira, já que a ideia era convencer a opinião pública de que esta prática corporal não era “coisa de marginal”. Segundo, esses autores, a Capoeira ia ao encontro de toda uma corrente nacionalista que tinha como objetivo fazer dela não somente um esporte, mas a “luta brasileira”, expressão privilegiada da identidade nacional, como eles nos mostram:

No início dos anos 1970, os capoeiristas ainda tinham algo de exótico. A própria Capoeira era vista como uma manifestação cultural que buscava se afirmar como esporte, cujo lugar “natural” seriam as comunidades mais pobres e periféricas, de população predominantemente afrodescendente. Em instituições mais elitizadas, a Capoeira ainda causava estranheza e, de fato, muitas delas fechavam suas portas para essa prática. Era necessário, portanto, um grande esforço de “organização”, dando continuidade à trajetória iniciada pelos capoeiras da primeira metade do século XX. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2009, p.17).

O relato do Mestre Acordeon e o pensamento dos autores citados nos ajudaram a refletir sobre a forma como a Capoeira era vista nesse período pelas famílias conquistenses, já que a Capoeira era negada e associada, ao mesmo tempo, às práticas criminais que colocavam os indivíduos num patamar social excludente. Segundo Mestre

Acordeon, uma das contribuições que fizeram com que a Capoeira fosse vista de forma menos preconceituosa perante o racismo predominante na cidade, foi a implementação de aulas em vários espaços na cidade, levando a Capoeira a ter maior visibilidade social, como é possível perceber em seu relato:

[...] Neste período, (anos 80) com o intuito de fortalecer a Capoeira dentro da sociedade de Vitória da Conquista, levando para a sociedade de altas condições financeiras, quanto aqueles que moravam nas periferias, nas comunidades mais simples, que todos tinham direito e tem direito ao acesso da arte da Capoeira, mesmo ele lidando com algo que já é cuidadoso e que realmente ele tem uma forma de entrar pra conseguir dizer: não ao preconceito e ao racismo⁶.

É possível perceber que a história não é constituída de forma linear, pois o surgimento de algo novo não contribui para que essas novas questões desapareçam compondo as práticas antigas que aconteceram na cidade, fato que pude perceber na própria fala do Mestre Acordeon com relação ao racismo e ao preconceito social.

Assim, nos finais dos anos de 1980 e início dos anos 90, foi possível perceber, a partir dos relatos dos mestres, que houve um crescimento acentuado em relação à participação das pessoas nas aulas de Capoeira em Vitória da Conquista-BA, havendo *a inclusão da Capoeira na sociedade de Vitória da Conquista, e isso levou a um incentivo muito saudável, muito bacana, para os capoeiristas daquela época da prática*, nos relata o Mestre Acordeon. Sobre esse processo, Vieira e Assunção (2009), entendem que:

A geração de capoeiristas que se formou a partir dos anos 1980 está, de fato, participando de uma transição fundamental na história dessa arte. Se os atuais praticantes se acostumaram a ouvir de seus mestres e professores histórias sobre perseguição, rodas interrompidas pela polícia e correrias nas praças e festas de largo, a realidade que passaram a viver é, regra geral, completamente diferente. A Capoeira tem-se inserido nas instituições e no

⁶ Entrevista concedida por Antonio Santos Ferreira Filho, O Mestre Acordeon, no dia 13 de julho de 2017.

contexto político mais amplo por muitas vias, alterando dramaticamente sua prática e seu significado. Este cenário acelerado de mudança traz novos desafios tanto para os capoeiristas quanto para o Estado e os produtores culturais. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2009).

Esses desafios citados por estes autores estão fortemente presentes nos discursos dos Mestres de Capoeira da cidade, pois, ao comparar a Capoeira atual de Vitória da Conquista com momentos de outrora, o Mestre Acordeon, por exemplo, reconhece que a Capoeira está sendo mais valorizada, entretanto, é perceptível, em seu discurso, a prevalência das tensões e conflitos que possivelmente perduraram ao longo dos anos na cidade, desde o período dos coronéis, conforme foi discutido nos relatos do Mestre Donizete. De acordo o Mestre Acordeon:

[...] hoje aqui na cidade de Vitoria da Conquista ou mesmo região, praticam eles encontram hoje uma Capoeira bem mais trabalhada, bem mais conscientizada, com mais respeito e mais valorização. Encontramos uma Capoeira em Vitoria da Conquista com resistência de aceitação, com preconceito, vamos dizer assim, com perseguição de polícia e de outros seguimentos também, que ali o capoeirista não tinha o direito de ir e vir. E hoje o praticante de Capoeira em Vitoria da Conquista tem o direito de se envolver com grandes encontros e batizados e eventos de Capoeira⁷.

Os relatos do Mestre trouxeram possibilidades de percebermos sua constante luta a favor dos diretos da Capoeira aos seus espaços de apropriação, disseminação e prática. As memórias de sua trajetória de vida trazem marcas de lutas, tensões, disputas e conflitos estampados claramente em cada conquista eminentemente proporcionada através de sua escolha em ter dedicado sua vida em favor da permanência e continuidade da Capoeira em Vitória da Conquista-Ba.

Depois de passar por diversas localidades durante seu processo de disseminação, além de enfrentar vários conflitos, seja pelo fato de ter dado aulas em troca de ter tido acesso a uma sala de aula para que pudesse “treinar” sua turma de capoeira em turnos opostos, seja para os *filhos de ricos*, fechamento de academias, mudanças de direção das

⁷ Entrevista concedida por Antonio Santos Ferreira Filho, O Mestre Acordeon, no dia 13 de julho de 2017.

escolas, falta de apoio financeiro, custeio mensal de aluguel e outras despesas fixas, o Mestre Pantera, hoje tem ajuda e motivação dos seus alunos. São Contra-Mestres e professores que os ajudam a buscar um espaço próprio para construir e estruturar a sua academia, como pode ser observado no relato a seguir:

[...]A gente foi dá aula lá naquele bairro, URBIS I, na quadra, na Associação. Eu me lembro que uma vez Macaco⁸ veio aqui, que era aniversário do grupo fez um trabalho (...). Ele tava lá. Aí por falta de dinheiro, a associação também não quis mais nada. A gente ficou dando aula na quadra. Aí veio a ideia de procurar espaço. Foi aí que veio a questão da contribuição do aluguel (...). Contribuir para pagar este espaço. A gente quebrou tudo, ajeitou tudo (...). A comunidade ali não gostava da igreja que era muito barulho, a gente chega ali faz barulho e até hoje a comunidade aceita a gente. No dia que a gente não abri (...) ‘Não abriu por quê?’. Muita gente (crianças e jovens) ali da rua, passou ali (...)⁹.

Ainda de acordo o Mestre Pantera, o Movimento Cultural Consciência Negra desenvolve, na cidade de Vitória da Conquista-BA, um trabalho de resgate às culturas tradicionais oriundas dos povos negros, sendo

[...] um trabalho cultural, que socializa saberes e fazeres e fortalecendo a preservação da Capoeira e seu universo cultural. Mantém um calendário de atividades que gera a culminância de eventos realizados, como por exemplo, oficinas, seminários, congressos, palestras e cursos sobre Capoeira¹⁰.

Sendo assim, podemos perceber que essas ações são promovidas no intuito de preservar a sustentabilidade das atividades culturais tradicionais do grupo, ao garantir, de acordo o discurso do Mestre Pantera presente no documento citado, *a vitalidade de uma memória e preservação de uma identidade violentada por um sistema que tanto*

⁸ Mestre Macaco fundador do Grupo de capoeira ACARBO; Veio a se tornar Mestre de Capoeira do Mestre Pantera. Maiores informações sobre o referido grupo: <https://acarbo10.wordpress.com/>.

⁹ Entrevista concedida por Gomar Santos Novais, o Mestre Pantera, no dia 19 de Julho de 2017.

¹⁰ Entrevista concedida por Gomar Santos Novais, o Mestre Pantera, no dia 19 de Julho de 2017

impôs suas normas e critérios construídos a partir de uma sociedade dominante, marcada pelo consumismo e cultura de massa padronizada¹¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a Capoeira em Vitória da Conquista nos trouxeram à grande roda da cidade e os conflitos provocados pelas tensões e disputas durante o processo de disseminação, nos oferecendo possibilidades de compreendermos a relação entre as memórias apresentadas pelos mestres de Capoeira e as adversidades que os tencionaram através de disputas de cunho socioeconômico e étnico racial.

Além disso, nos permitiu o aprofundamento de análises das memórias dos Mestres, marcadas por: superação advinda de suas trajetórias de vida desde a infância; vivências conflituosas na escola excludente; vida rural; busca de empregabilidade e sustentabilidade; desmoralização; resistência ao preconceito racial; enfrentamentos políticos; disputas de memórias; ocupação de espaço e autonomia; iniciativas que impulsionaram a disseminação da capoeira; reencontros com o passado e com os reajustes perdidos no tempo.

Dessa forma, foi possível também dar voz às memórias silenciadas por muito tempo, referentes à origem da Capoeira na cidade e também compreender os motivos pelos quais as memórias entram em disputas para garantir legitimidade. Embora falar sobre ocupação do lugar de Mestre, na cidade, cause uma resistência nos entrevistados, essa foi uma oportunidade única de fazer uma releitura sobre o quanto o sistema político os tencionou e como essas tensões levaram os grupos a se tencionarem ao mesmo tempo em que eram pressionados pela própria sociedade. Dito de outra forma, essa tensão vinda do sistema político não é compreendida pelos grupos, que acabam reforçando as disputas entre si.

Por outro lado, a pesquisa permitiu reunir as memórias, vividas por cada um dos Mestres, em torno dos lugares frequentados por eles, em outros momentos de suas vidas, no processo de disseminação da Capoeira na cidade, nos levando a compreendê-

¹¹ Informações coletadas no projeto do Movimento Cultural Consciência Negra destinado a angariar contribuições financeiras e parcerias com empresas da cidade de Vitória da Conquista-BA.

los enquanto protagonistas de um processo de lutas e resistências que pouco foi valorizado pelo poder público e incompreendido pela sociedade da época. Esse fator, de fato, impossibilitou que a Capoeira tomasse maiores proporções em lugares que deveriam estar atualmente.

REFERÊNCIAS

COSTA, N. L. **Capoeira, Política Cultural e Educação**. 350f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

DIAS, A. A. As práticas sociais dos capoeiras de outrora. In.: **Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo**. Coleção UNEAFRO; 13 Cruz das Almas: EDUFRRB. Belo Horizonte. Fino Traço, 2016.

FERREIRA R. F. **Afro-descendente: uma identidade em construção**. 1. ed. Rio de Janeiro. Pallas, 2000.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

HOLLOWAY, T.. "O saudável terror: a repressão policial aos capoeiras e a resistência dos escravos no Rio de Janeiro no século XIX" In.: **Caderno de Estudos Afro-Asiáticos**, n.16. Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 1989.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MONSMA, K. Racialização, racismo e mudança: um ensaio teórico, com exemplos do pós-abolição paulista. **XXVII Simpósio Nacional de História – Anpuh**, 2013.

OLIVEIRA, E. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba. Editora Gráfica Popular, 2006.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v 1, n.2, p. 59-72, 1997.

REGO, W. **Capoeira Angola – Ensaio sócio – etnográfico**. Editora Itapuã. Salvador. 1968.

RUFINO, P. G. **Circularidade: Discutindo inclusão nas perspectivas da educação das relações étnico-raciais (erer) afro-brasileiras**, 2013. Disponível: <http://www.acordacultura.org.br/artigos/15102013/circularidade-discutindo-inclusao-nas-perspectivas-da-educacao-das-relacoes-etnicos-raciais-erer-afro-brasileiras>. Acesso: maio de 2013.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R.. **Os desafios contemporâneos da capoeira.** (Textos do Brasil, 14: Capoeira) Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2009.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira.** Rio de Janeiro – Srint. 2ª edição – 1998.